

Teoria e prática no campo da Comunicação: a trajetória de Maria Aparecida Baccega

MARIA AMÉLIA PAIVA ABRÃO*

FERNANDA ELOUISE BUDAG**

Resumo: Este artigo tem como objetivo recuperar o legado intelectual de Maria Aparecida Baccega, que marcou a trajetória das pesquisas brasileiras e latino-americanas no campo da Comunicação, cujas bases ela mesma ajudou a estabelecer e lutou para o reconhecimento – com suas pesquisas em torno dos estudos de recepção, de telenovela, educação e consumo articuladas à análise de discurso. Desse modo, em diálogo com as noções de memória e narrativa, promovemos reflexões sobre sua obra organizadas em três núcleos extraídos desse grande leque de sua produção. Em outros termos, tal qual os estudos da linguagem preconizam, acionando uma memória discursiva, discursamos agora com o que Baccega discursou antes de nós, procurando construir uma narrativa que faça sentido, registre suas contribuições e seja também uma homenagem.

Palavras-chave: Maria Aparecida Baccega; comunicação; educação; memória; discurso.

Theory and practice at the communication field: the trajectory of Maria Aparecida Baccega

Abstract: This article aims to recover the intellectual legacy of Maria Aparecida Baccega, who marked the trajectory of Brazilian and Latin American research in the field of communication, whose foundations she helped establish and fought for recognition – with her research on reception studies, telenovela, education and consumption articulated to discourse analysis. In this way, in dialogue with the notions of memory and narrative, we promote reflections on her work and organize it in three nuclei extracted from her production. In other words, just as language studies advocate, triggering a discursive memory, we now speak with what Baccega spoke before us, trying to build a narrative that makes sense, registers his contributions and is also a tribute.

Key words: Maria Aparecida Baccega; communication; education; memory; discourse.



* **MARIA AMÉLIA PAIVA ABRÃO** é Doutora e Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM-SP.



** **FERNANDA ELOUISE BUDAG** é Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP. Docente da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e da Universidade São Judas (USJT).



Figura 1: A jovem Baccega (canto superior esq.) com seus alunos do Sesi

Fonte: Arquivo pessoal de João Veloso

Introdução

A presença das mulheres na ciência brasileira é recente e se coaduna com os movimentos feministas em prol da emancipação das mulheres iniciados no séc. XIX com o ativismo de Nísia Floresta (BLAY; AVELAR, 2017). Se o magistério era considerado uma profissão tipicamente exercida por jovens mulheres, a ciência era o espaço dominado por homens, e o conhecimento por eles produzidos distanciava aquelas que desejavam adentrá-la. Foi o avanço dos ativismos na década de 1960 que possibilitou a inserção feminina na Ciência (LETA, 2003; BRUSCHINI; AMADO, 1988). “O pensar era tido e atestado cientificamente como algo não inerente à natureza feminina, este causaria danos à saúde” da mulher (ABRÃO, 2018, p. 180). A diferença entre homens e mulheres era demarcada como algo biológico, em que o corpo feminino era “naturalmente” inferior ao masculino. Dessa forma, não somente a força física, como também a inteligência eram domínios exclusivos dos homens. Diversos campos científicos

(re)produziram e sustentaram desigualdades e fortaleceram sistemas de dominação (ROY, 2018).

Tendo em vista que o campo acadêmico é um espaço de relações sociais em que os agentes disputam o monopólio do conhecimento – o monopólio do capital específico (BOURDIEU, 1993), aqueles que estão no poder ditam as regras a serem seguidas. Ou seja, ao se inserirem na academia, as mulheres se viram diante de um conhecimento produzido por homens, tendo que lutar para conquistar espaços, para serem e terem suas pesquisas reconhecidas. Ademais, os discursos científicos eram majoritariamente androcêntricos e misóginos, com práticas de exclusão e marginalização de saberes baseadas em gênero, raça/ etnia, colonialismo, entre outros (ROY, 2018; SOIHET, 2000).

Nesse contexto, observando o Campo da Comunicação no Brasil, nos deparamos com Maria Aparecida Baccega. A começar por sua trajetória pessoal: fez faculdade no início dos anos 1960. Saiu do interior de São Paulo para, primeiro, trabalhar em Brasília com Paulo Freire e,

em seguida, lecionar na capital paulista. Foi militante do Partido Comunista Brasileiro, razão que a levou à prisão durante a Ditadura Civil-Militar. Separou-se de seu primeiro marido no final da década de 1960, confrontando a sociedade da época considerando que a Lei do Divórcio foi instituída apenas em 1977.

Durante os primeiros anos em São Paulo, trabalhou como professora e coordenadora do SESI, defendendo um ensino humanista (Figura 01).

Maria Aparecida via na cultura a resistência para enfrentar os anos de chumbo. Em 1972, inicia o curso superior em Letras na USP e quatro anos depois passa a lecionar no departamento de Linguística e línguas orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Em seus cursos, a professora articulava aspectos da linguagem com realidade do Brasil, haja vista que “não há língua portuguesa sem realidade brasileira, não há língua sem cultura” (BACCEGA, 1986, p. 12-13). Já no final dos anos 1980, passa a integrar o corpo docente da Faculdade de Comunicação e Arte (ECA) da USP colaborando na construção de novos saberes e cujas pesquisas reverberaram no Brasil e em países ibero-americanos, cessando-se apenas com seu afastamento da ESPM (Escola Superior de Propaganda em Marketing), por razões de saúde, em 2019.

Baccegá sempre foi protagonista, sobretudo, na produção intelectual de peso. Primeiro nas Letras, em diálogo com seu mestrado e doutorado. Depois, na Comunicação, campo em que construiu tantas reflexões importantes e urgentes; dentre as quais destacamos seus escritos versando as ciências da linguagem e análise de discurso; as discussões sobre Comunicação-Educação-Consumo; e suas pesquisas

inseridas nos estudos de recepção, incluindo os de telenovela -- aos quais dedicou boa parte de sua produção acadêmica.

“A formação humanista, crítica e plural orientava suas propostas e ações. O espírito coletivo e a defesa da unidade na diversidade foram suas bandeiras, nem sempre compreendidas pela maioria dos colegas” (NONATO; SOARES; FÍGRAO, 2019, p. 90). Assim, a figura de Maria Baccegá se mescla com a de docente generosa e pesquisadora aguerrida, que confrontava o *status quo* da Comunicação ao articular novos saberes, disciplinas e a práxis.

Os escritos de Baccegá sobre a linguagem verbal e as ciências da comunicação mantêm-se extremamente atuais, ainda que a realidade social e a equação com que vivenciamos hoje os meios de comunicação e os meios de edição tenham se alterado. Apresentar a trajetória de Maria Aparecida Baccegá é evidenciar a grandiosidade de seu legado, ressaltar a voz que ela deu às pesquisadoras que a sucederam, assim como às minorias e aos excluídos sempre presentes em suas pesquisas. Sobre tudo, é compreender que, embora a linguagem seja dinâmica, com as constantes renovações dos discursos científicos, a produção da autora consolidou um campo científico, encontra-se presente em pesquisas atuais e serve para pensar os meios de comunicação no futuro a partir de novas articulações de saberes.

A partir desse escopo é que nos atemos a tecer nossas considerações acerca de sua produção neste texto, organizado nos seguintes vértices: Estudos da linguagem; Estudos de recepção e telenovela; e Estudos no campo da Comunicação, Educação e Consumo.

Estudos da linguagem e análise do discurso

Procuramos a partir de agora construir mais efetivamente uma narrativa em relação ao legado teórico e intelectual de Baccega. Narrativa no sentido proposto por Aristóteles (2011), como um percurso que faz sentido. E, nisso, dialogando com a noção de memória – lugar de reconstrução de sentidos (BARBOSA, 2005) –, construímos essa narrativa reproduzindo sentidos da trajetória de Baccega.

Assim, como não poderia deixar de ser, iniciamos essa narrativa sobre sua obra a partir de sua inserção nos estudos da linguagem, mais propriamente da linguagem verbal. Iniciamos por este ponto porque, para a pesquisadora, a linguagem verbal está na base, ou seja, no início de tudo o que operamos. Nós somente conseguimos ter consciência de nossas interações com o mundo concreto “[...] na medida em que elas significam, e elas significam apenas por meio da linguagem” (BACCEGA, 2003, p. 40). É a partir do momento em que se *fala* de algo que ele passa a ter sentido. O mundo somente existe com a linguagem porque é a linguagem que o constrói. Uma sociedade somente consegue emergir e agir com a linguagem pois esta é a grande mediação entre os relacionamentos que constroem o mundo.

Baccega, enquanto pesquisadora do campo da Comunicação – inserção que exploramos mais diretamente na sequência –, o faz a partir da linguagem; sempre fiel a seu ponto de vista que enxerga a linguagem enquanto porta de entrada para os estudos da Comunicação.

[...] consideramos categorias fundamentais para os estudos do campo da comunicação as conquistas da Análise de Discurso, sobretudo as da Escola Francesa

(Pêcheux et al.), que nos possibilitam desvelar a materialidade da articulação das ciências sociais, o conhecimento do percurso das apropriações ocorridas, vez que permitem revelar o discurso como o lugar em que linguagem e ideologia (pontos de vista, ideias, conteúdos, temáticas etc.) se manifestam de modo articulado. (BACCEGA, 2002, p. 20).

Inclusive Martín-Barbero, em seu *Ofício de cartógrafo* (2004), empreendendo uma recuperação das produções científicas desde o início de suas atividades, nos anos 1970, até o final dos anos 1990 para “[...] dar conta das transformações que têm articulado, desarticulado e rearmado o campo latino-americano da investigação em comunicação/cultura” (2004, p. 42), reconhece o esforço de Baccega de “[...] re-inserir o estudo da comunicação no âmbito das ciências de linguagem enquanto parte das ciências sociais” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 425).

Uma obra seminal de Baccega no âmbito da linguagem é “Palavra e discurso: literatura e história” (2003); publicação amplamente disseminada entre estudantes e pesquisadores de Comunicação no Brasil, da graduação à pós-graduação. Na obra a pesquisadora, estudando os sentidos das palavras nos discursos da história e da literatura, defende que a língua não é apenas mero instrumento e que o ato de fala também não é tão individual assim.

A autora trabalha a questão de que a língua vem acompanhada de toda uma percepção cultural da realidade, percepção que norteia a produção de sentidos. Por essa razão, Baccega (2003) considera que “a língua não é apenas um instrumento com a finalidade de transmitir informações. É um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade: por isso, é lugar de conflitos.

Esses conflitos se ‘concretizam’ nos discursos” (BACCEGA, 2003, p. 48). Na mesma linha, a fala, por sua vez, “[...] é sempre produto de um indivíduo social, já que os significados nada mais são [...] que ‘contratos’ estabelecidos entre sujeitos organizados socialmente” (BACCEGA, 2003, p. 40). Por mais que o ato da fala seja único do indivíduo também singular, este é um ser social e, portanto, seu discurso nunca é somente seu, é sempre construído socialmente, resultado de discursos anteriores e de “contratos” de sentido estabelecidos.

O ato de fala, individual e único, consiste, na verdade, na apropriação de um processo coletivo – o indivíduo/sujeito [ser único e ator social] apropria-se da cultura que encontra; origina-se nesse processo e a ele retorna quando é manifestado. E nesse retorno o indivíduo/sujeito poderá estar “reproduzindo” o que já estava, ou inovando. (BACCEGA, 2003, p. 32)

Enfim, a obra em questão sintetiza muitas das discussões levantadas por pela pesquisadora ao longo dos anos, assim como também uma obra anterior, “Comunicação e Linguagem” (1998). Em ambas entrevemos sua filiação teórica, cuja perspectiva parte do estruturalismo e avança à análise de discurso, dialogando principalmente com Mikhail Bakhtin. Em relato em primeira pessoa Baccega esclarece:

nossos estudos sobre a Análise do Discurso (AD) se deram desde o início dos anos 1970. Tudo começou com Eni Orlandi, que foi professora na Faculdade de Letras-USP, da qual eu era aluna. Só no início da década de 1980 comecei a juntar AD com a área de Comunicação (2012, p. 119).

Assim, dos preceitos da Análise de Discurso, sobretudo de linha francesa, Baccega mobiliza uma série de

conceitos, como as condições de produção do discurso, os não-ditos, a polissemia, o dialogismo e as formações discursivas. No fundo, está sempre preocupada com a produção de sentidos, com o domínio simbólico do texto e com os processos de significação dos enunciados.

Variados discursos interpelam o sujeito no cotidiano, oprimem e libertam, modelam comportamentos, atuam no sentido da mudança ou da permanência. O discurso não é estritamente só isto ou aquilo. Pode-se dizer que ele é predominantemente algo, mas não que ele tem só um aspecto. Daí a luta permanente para a instituição dos sentidos. (2012, p. 120).

Os discursos manifestam valores e estereótipos em circulação no espaço sociocultural do sujeito enunciador (BACCEGA, 1998, p. 9) e Baccega usa da realidade concreta (a história) e da ficção (a literatura primeiro e a mídia e consumo posteriormente) como substrato para pensar os discursos e trazer à tona sentidos latentes.

Estudos de recepção e telenovela

Como pensar o Campo da Comunicação? Como investigar os produtos midiáticos da Indústria Cultural? Para Baccega essa compreensão, fazendo uma ponte com as discussões que acabamos de apresentar, parte dos Estudos de linguagem. Afinal, “a mediação entre o homem e a realidade objetiva é exercida pelas linguagens, sobretudo a linguagem verbal, pela palavra” (BACCEGA, 2007, p. 31). Dessa forma, suas pesquisas visam analisar os discursos da mídia, em especial, a telenovela.

Ancorada na noção de cultura¹, proposta pelos Estudos Culturais e pelos Estudos de Recepção, em que esta emerge do cotidiano e das relações sociais, Baccega investiga o processo comunicacional, ou seja, busca compreender os aspectos da produção à ressignificação da mensagem por parte do receptor, em um processo dialógico que ocorre na cotidianidade. Esta interação entre os meios de comunicação e o sujeito é uma faceta importante na disputa pela manutenção ou reestruturação do poder hegemônico.

Para a autora, estudar a telenovela é estudar a cultura da sociedade brasileira, pois seus discursos emergem do cotidiano, para onde retornam e são reelaborados por aqueles que a assistem. Ou seja, é o olhar para um sujeito ativo, não mero espectador de uma mensagem, que recebe e reproduz os discursos midiáticos a partir de sua visão de mundo. Além disso, nesse produto encontram-se as matrizes populares, em que a população se reconhece e é capaz de discuti-lo.

Se estas teorias parecem consolidadas no campo da comunicação nos dias de hoje, não era assim quando Baccega propôs estudá-las na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, no final da década de 1980, juntamente com outras pesquisadoras, como Anamaria Fadul e Maria de Lourdes Motter. A iniciativa de investigar a telenovela causou espanto e rechaço dentro e fora da comunidade científica, pois até aquela época poucos trabalhos se debruçaram em um dos

produtos de maior audiência da indústria cultural.

Atentas aos acontecimentos do cotidiano brasileiro, as pesquisadoras criaram o Núcleo de Pesquisa e Telenovela (NPTN)² em 1992, coordenado por Fadul. Baccega assume a coordenação entre os anos de 1997 e 1999 e, atuando junto ao NPTN, em 1995 a pesquisadora coordena um *projeto integrado*, financiado pela FAPESP, denominado “Ficção e Realidade: a telenovela no Brasil; o Brasil na telenovela”. A proposta contava com nove subprojetos que investigavam a telenovela sob diferentes perspectivas.

O projeto desenvolvido por Baccega, “O campo da comunicação: os valores dos receptores da telenovela”, tinha como objetivo investigar as temáticas relacionadas à família e seus subtemas a partir de 12 telenovelas veiculadas entre 1986 e 1997. A partir das análises, as pesquisadoras observaram questões relativas às mulheres com um olhar

interseccional de classe e de gênero. Constataram, por exemplo, como a virgindade conferia um “bom” *status* às mulheres da época e como era comum a culpabilização das mães solas. Verificaram discursos em que o casamento era tido como uma forma de ascensão social para as mulheres, sendo o adultério feminino sempre punido. As telenovelas que discutiam a relação entre mulheres maduras com homens mais jovens eram consideradas um escândalo (BACCEGA, 1998).

¹ Cultura enquanto prática de significação; a totalidade de valores e significados compartilhados. “[...] a cultura não é tanto um conjunto de coisas – romances e pinturas ou programas de TV e histórias em quadrinhos –, mas sim um conjunto de práticas. Basicamente, a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – “o compartilhamento de

significados” – entre os membros de um grupo ou sociedade (HALL, 2016, p. 19-20, grifo no original).

² Em 2005 o NPTN passa a se chamar Centro de Estudos de Telenovela (CETVN), sendo coordenado pela Profa. Dra. Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

Analizando os discursos sobre as famílias nas telenovelas, a pesquisa trouxe questões importantes para pensar a sociedade da época. Outra pesquisa advinda do projeto integrado foi a “Vivendo com a telenovela” sob coordenação de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, um marco nas pesquisas de recepção.

As pesquisas desenvolvidas no NTPN chamam a atenção da grande mídia e Baccega é entrevistada para as páginas amarelas de *Veja* (VEJA, 1996). A manchete causou escândalo ao trazer a frase “Telenovela é cultura”, além dos argumentos da pesquisadora sobre a importância de estudá-las e discuti-las em sala de aula. Na semana seguinte, na seção “cartas do leitor”, a entrevistada foi duramente criticada pelos leitores da revista.

Baccega era enfática sobre a importância em estudar a ficção seriada e discuti-la em sala de aula; sobre a relevância em investigar seus discursos, revestidos de entretenimento, e debater com os alunos os temas que são abordados nas narrativas. A pesquisadora formou diversos mestres e doutores que seguem seu legado dentro da Comunicação.

Estudos no campo da Comunicação, Educação e Consumo

Outra frente de produção intelectual de Baccega deu-se no campo da Comunicação/Educação; ao qual posteriormente somou-se o consumo: Comunicação/Educação/Consumo. É sobre suas discussões dentro desse domínio que traçamos nossas últimas considerações a respeito da sua obra e seu protagonismo.

Do ponto de vista de Baccega, a característica fundamental da educação é

[...] desenvolver a capacidade para a contextualização e globalização dos saberes, gerando o conhecimento (e

não a informação). O conhecimento, característico da educação, implica crítica, é capaz de reelaborar o que vem como um dado. Considera o receptor como sujeito ativo, capaz de inter-relacionar o que lhe é dado não apenas com sua cultura, mas com a totalidade em movimento. (BACCEGA, 2007).

Embasada nas teorias da aprendizagem, Baccega frequentemente defendia que percebemos que um estudante aprendeu quando ele consegue fazer conexões de algum saber visto em sala de aula com algum caso concreto particular ou da realidade mais ampla, ou mesmo quando consegue construir conexões entre os vários saberes vistos em aula. Por exemplo, quando o estudante intervém em aula questionando o professor se o conteúdo abstrato da aula de filosofia se aplica a uma situação que assistiu no telejornal; ou quando conecta o assunto da filosofia com a história. Significa que fez sentido para ele/a e que apre(e)ndeu. Consistem na “reelaboração” e “inter-relação” mencionadas acima no trecho reproduzido de texto de Baccega (2007). Nesse enquadramento entram então a comunicação e a mídia enquanto âmbitos indissociáveis da concretude sociocultural e, portanto, materiais para as reelaborações cognitivas dos aprendizes. Do contato e experiência do estudante com o conteúdo midiático, que é parte de sua cotidianidade, este é acionado no momento do processo de aprendizagem. Desse modo, na outra ponta, a do professor, a comunicação midiática deve ser contemplada pelo educador na educação formal como recurso inclusive para facilitar o ensino e a sua aprendizagem.

Dessa concepção emerge o campo da comunicação e educação que, segundo Baccega (2001, p. 9), deve ser pensado a partir de conceitos “[...] tais como mediações, criticidade, informação e

conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, entre muitos outros”.

Em outros termos, quando Baccega defende a “simbiose” entre comunicação e educação, essa perspectiva advém do entendimento de que os sujeitos precisam, desde cedo, compreender os mecanismos de produção e circulação das mensagens midiáticas para poderem fazer sua leitura de maneira plena, consciente e ativa, acionando a face ativa que todo ator social tem como potencialidade.

Somos todos alunos: precisamos procurar entendê-los bem [os meios de comunicação], saber ler criticamente as “lições” que os meios de comunicação ministram, para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam pronto, editado, à construção do mundo que permite a todos o pleno exercício da cidadania (BACCEGA, 1994, p. 8).

Ou seja, somente com a comunicação-educação é possível o desenvolvimento de uma consciência crítica e autônoma frente à mídia massiva ou pós-massiva, que permita o alcance da cidadania. Seguindo nesse raciocínio, considerando que hoje o consumo é um âmbito hipervalorizado na equação de nossa sociedade (o polo que complementa a comunicação), apenas inseridos criticamente na lógica do consumo podemos ter/ser de fato cidadãos plenos. Devido a isto Baccega passa a defender a proposição do campo Comunicação/Educação/Consumo, conforme citação a seguir:

O processo comunicação/educação/consumo merece ser segmento prioritário das teorizações e pesquisas no campo da comunicação, pois permite que nele e por meio dele conheçamos melhor

a complexidade da sociedade contemporânea. Esse conhecimento, tomado como embasamento da práxis dos sujeitos, ajuda a construir novas variáveis históricas, levando em conta o papel das várias agências de socialização na configuração da cultura. (BACCEGA, 2010, p. 54).

Dado que o consumo é essa esfera proeminente na sociedade contemporânea, esse conceito também ganha atenção à parte de Baccega. A pesquisadora, que fez história na Comunicação dentro da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP), em 2003 foi convidada por professor Vladimir Safatle para se unir a ele e outros pesquisadores ao Núcleo de pesquisa em Comunicação e Práticas de Consumo na ESPM, em São Paulo, que se consolidaria como Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM), em 2006. Outra vez, Baccega se insere em um novo campo: os Estudos de Consumo, articulando-o com a Comunicação. E, novamente, se vê diante de embates para consolidá-lo e ter suas pesquisas reconhecidas no Campo. Segundo a pesquisadora

[...] consumir é muito mais do que um mero exercício de gostos, caprichos ou compras irrefletidas; revela, isso sim, um conjunto de processos e fenômenos socioculturais complexos, que têm seu processo de constituição nas mediações através das quais se operam a apropriação, a incorporação de produtos, serviços. Aí reside o espaço em que se articulam os processos comunicacionais envolvidos no consumo e por ele articulado (BACCEGA, 2008, p. 8).

Embora os Estudos de Consumo não possuam uma teoria unificada devido a sua complexidade, estes consistem em uma multiplicidade de perspectivas

teóricas que visam observar o consumo enquanto processo cultural, mercadológico e/ou econômico legítimo. Em tempos de novas tecnologias de comunicação e informação, como a internet e o *streaming*, as teorias de consumo articuladas às de comunicação tornam-se relevantes para compreender a sociedade brasileira. Considerando que "[...] o consumo está preenchendo, entre nós, uma função acima e além daquela de satisfação de necessidades materiais e de

reprodução social [de significados] comum a todos os demais grupos sociais", entender o consumo hoje é entender a sociedade atual (BARBOSA, 2004). Dado esse contexto e a batalha por estabelecer os estudos do consumo no campo da Comunicação no Brasil, em 2008 Baccega (Figura 2) organiza o livro "Comunicação e Culturas do Consumo", traduzido para o espanhol, com reflexões de diversos autores expoentes sobre o tema.



Figura 2: Maria Aparecida Baccega trabalhando em sua biblioteca

Fonte: Arquivo pessoal da família de Baccega

No mesmo ano, Baccega realiza o projeto "Ficção televisiva e publicidade no prime time brasileiro e português", em coordenação com a professora portuguesa Isabel Ferin, iniciando a parceria internacional entre a ESPM e a Universidade de Coimbra. O projeto visava investigar as manifestações culturais e de consumo nas duas maiores emissoras de televisão aberta do Brasil e de Portugal e resultou no livro "A telenovela nas relações de comunicação e consumo: diálogos Brasil e Portugal", organizado pela pesquisadora juntamente com Marcia Perencin Tondato.

Ainda que tenha se tornado uma representante da articulação entre comunicação e práticas de consumo, a pesquisadora sempre questionou por meio dela as desigualdades sociais. Ou seja, conservou uma perspectiva crítica. O consumo comunica, aproxima e diferencia. Para Baccega, a ausência de determinados produtos entre os brasileiros evidencia um abismo social e cultural, como é possível observar no trecho:

O consumo então é parte da sociedade. Agora, nem todos têm acesso ao consumo daquilo que ele considere que seja importante para

ele. O erro está aí, então, o que a gente defende é que todos tenham acesso, e que tenham, portanto, o direito de se sentirem capacitados para eles próprios se reconhecerem. Todos teriam de ter direito a esse consumo, esse é um primeiro momento, [...], você vai tendo as condições de agir criticamente sobre as questões do consumo (BACCEGA, 2014, p.12).

Conforme apresentado, Maria Aparecida Baccega investigava a Comunicação atrelada ao cotidiano brasileiro e atravessada por diversas teorias, em que a compreensão do mundo se faz vivenciando-o, ou seja, imersa nas práticas sociais e de consumo, nos discursos que permeiam a sociedade e suas telas, sejam elas de computador, telefone ou televisão.

Considerações finais

A construção do conhecimento se faz a partir de múltiplas discussões teórico-metodológicas. Assim como a linguagem, o conhecimento se transforma ao longo dos anos, no entanto, os grandes estudos permanecem como em um palimpsesto de novas produções acadêmicas. Dessa forma, apresentamos uma das precursoras do Campo da Comunicação no Brasil: Maria Aparecida Baccega, cuja vanguarda intelectual e premissas permanecem e se repercutem em obras de outros pesquisadores.

Vimos que sua trajetória de vida não se dissocia de seu pensar e de suas pesquisas. Da jovem política aguerrida, à professora do ensino fundamental até o superior, Baccega ensinava a importância do pensamento crítico através de um ensino humanista em que o diálogo partia do cotidiano dos estudantes para integrar-se com as teorias.

Sua pesquisa acadêmica inicia-se em Letras, dando-lhe repertório para pensar a Comunicação e sua articulação com a Educação, a Recepção, a Ficção Seriada e as práticas de Consumo.

Revisitar a trajetória de Baccega é não apenas compreender a importância de seus estudos na dinâmica dentro do Campo da Comunicação, bem como apresentá-la aos leitores pesquisadores que não a conheceram. É reivindicar seu lugar na memória discursiva do campo, que por vezes apaga mulheres e aqueles que já partiram, como se o conhecimento não fosse uma construção ao longo da história. E, sobretudo, é apontar o quanto seus estudos permanecem atuais e podem ser articulados com novos e/ ou outros saberes.

O conhecimento e a voz de Baccega deram vozes a outras pesquisadoras, haja vista a importância de seus estudos no campo do pensar e sua luta por espaço e reconhecimento. A pesquisadora, mais de uma vez, rompeu com a ciência tradicional da época ao trazer a telenovela – o popular – para o debate acadêmico e, posteriormente, as práticas de consumo.

Era admirada por colegas e alunos pela força com que defendia suas ideias, sempre com imenso repertório teórico e prático. Nas palavras de Bucci (2013, p. 162):

Eu não saberia dimensionar o tamanho da influência que a profa. Maria Aparecida Baccega exerceu na minha formação intelectual e acadêmica. [...] Falo aqui de uma professora gigante, mestre generosa e também espirituosa, capaz de nos abrir portas (ou portais) para universos (não universais) de pensamento vivo e fronteiras fluidas, convidativas, estimulantes.

Como vimos, o legado deixado por Maria Aparecida Baccega na Comunicação pode ser um fértil caminho para se pensar as novas tecnologias de comunicação e informação e/ ou ser articulado ainda a outros Campos do saber. Como diria Baccega, são as palavras que nos permitem primeiro conhecer mesmo as mais diminutas transformações sociais ainda em emergência. Por sua vez, é Baccega quem nos possibilita conhecer as nuances do universo discursivo articulado ao campo da Comunicação e mais particularmente aos estudos de telenovela, de consumo e da comunicação/educação. Estudando discursos e narrativas, Baccega construiu uma memória viva.

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- ABRÃO, Maria Amélia Paiva. Comunicação, consumo e telenovela: a construção da fertilização in vitro enquanto consumo. Um estudo a partir das protagonistas de Barriga de Aluguel. In: CASTILHO, Fernanda; LEMOS, Ligia Prezia (org.). **Ficção Seriada: estudos e pesquisas, vol. 1**. Aluminio, SP: Editora Jogo de Palavras, 2018.
- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do “real” e do “ficcional”. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, 2010.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Da comunicação à Comunicação/Educação. **Comunicação & Educação**, n. 21, p. 7-16, maio/ago. 2001.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 1, p. 7-14, set/dez 1994.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Entrevista com Maria Aparecida Baccega. Entrevista concedida à Aline Fernandes de Azevedo. **Entremeios: revista de estudos do discurso**, 2014, n. 8, p. 1-14.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Memorial**. São Paulo: 1986.
- BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.13, p.7-14, set/dez 1998.
- BACCEGA, Maria Aparecida. O gestor e o campo da comunicação. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org.). **Gestão de processos comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: literatura e história**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Tecnologia e comunicação: produção e recepção por sujeitos contemporâneos. In: **Seminário comunicação e trabalho: pluridisciplinaridade, interfaces e mediações**, São Paulo, Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 23 e 24 ago. 2007.
- BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BARBOSA, Marialva. Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005. p. 102-111.
- BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (orgs.). **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil, Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo: EDUSP, Fapesp, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.
- BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação. **Cadernos de Pesquisa**, 1988, n. 64, p. 4-13.
- FÍGARO, R.; NONATO, C.; SOARES, I. de O. Memória - Homenagem Maria Aparecida Baccega (1943-2020). **Comunicação & Educação**, 2019, v. 24, n. 2, p. 88-93.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Mulher, mulheres**, 2003, v. 17 (49).

MARTÍN-BARBERO. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ROY, Deboleena. Science studies. In: DISCH, Lisa; HAWKESWORTH, Mary. **The Oxford handbook of feminist theory**. New York, NY: Oxford University Press paperback, 2018.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, 2000, n.15, p. 97-117.

ROY, Deboleena. Science studies. In: DISCH, Lisa; HAWKESWORTH, Mary. **The Oxford Handbook of Feminist Theory**. New York: The Oxford University Press, 2018.

TONDATO, Marcia Perencin; BACCEGA, Maria Aparecida. **A telenovela nas relações de comunicação e consumo: diálogos Brasil e Portugal**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

VEJA. Entrevista: Maria Aparecida Baccega – 24 jan. 1996. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/1428?page=6§ion=1&word=baccega>. Acesso em: 24 fev. 2022.

Recebido em 2022-03-04
Publicado em 2022-06-01